

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

# FREI DAMIÃO



O MISSIONARIO DOS SERTÕES

RECIFE - 1953

## O CRONISTA LUIZ CRISTÓVÃO

*Quando Luiz Cristóvão dos Santos entrou para o curso de literatura do velho Ginásio tinha o que José Veríssimo chamava o "amor da frase pela frase". Então tomou conhecimento daquela advertência do poeta Verlaine: "pega a eloquência e torce-lhe o pescoço".*

*Depois, passou a familiarizar-se com o conselho de La Bruyère: "Se queres dizer: chove, dize: chove".*

*Cristóvão não perdeu o seu arroubo oratório (imagino que deve fazer furor num tribunal de Júri) mas a sua frase escrita tomou consistência e firmeza.*

*No livro que acaba de publicar, dedicado a Antiógenes Chaves, e que é uma coleção de crônicas, divulgada em primeira mão no "Diário de Pernambuco", se firma como um cronista e um escritor de classe.*

*Não precisaria mais do que escrever aquela crônica do livro "Frei Damião" para merecer o nome de um escritor de que hoje tanto se usa e abusa. (Há mais escritores aqui do que analfabetos).*

*Cristóvão descreve o ambiente das Santas Missões de Custódia o frade asceta, que conduz, êle mes-*

## FREI DAMIAO

mo, o seu jeep pelas estradas poeirentas, situa-o na descrição realista do céu e depois as torturas do inferno, "com o fumaceiro de enxofre sufocando tudo", o povo parado, com os olhos fitos no missionário. Só o vento agitava de leve as bandeirinhas de papel de sêda. Aquilo não era Custódia — diz Crisóstovão. Era o vale de Josafá.

Esse cronista sertanejo, que conhece a palmo o Pajeú, o Moxotó e o Riacho do Navio, só falta registrar a firma nos cartórios do Distrito Federal para fazer pagar cada crônica sua por um bom cheque ao portador; e por muito bom preço.

ANÍBAL FERNANDES

("Diário de Pernambuco" de 11-10-950).

Eu devo, em sã consciência, uma palavra de esclarecimento às autoridades eclesiásticas, aos meus amigos e a todos aquêles que por ventura lerem essa breve notícia sôbre um missionário capuchinho que há anos, pregando missões, percorre o vasto sertão nordestino.

E o faço por um dever moral. E' que escrevi essas páginas desprezenciosas, sem o menor desejo de exibição ou levado pelo intuito de fazer sensacionalismo em tôrno da figura respeitável de Frei Damião de Bolzano.

Quero assim deixar bem claro que me responsabilizo integralmente pela publicação destas reportagens, para as quais, devo confessar, não tive a convivência de FREI DAMIÃO, pois as publico, posso afirmar, à sua revelia.

Éle nem sequer sabe que as escrevi, como também, desconhece que há anos andava à procura de alguns dados sôbre a sua vida, as suas atividades, auxiliado por pessoas amigas, indo várias vêzes às cidades e vilas onde se encontrava o missionário.

Após alguns anos, consegui finalmente reunir uns dados sôbre a sua vida, a infância, o nome dos seus pais e da vilazinha italiana onde nascera e a sua viagem ao Brasil etc.

Lavro, pois, aqui, um têrmo de responsabilidade: se há algum êrro nesse ato a culpa é exclusivamente minha. Frei Damião nada tem a ver com isso. Centenas de pessoas assistiram, certa noite, na

## FREI DAMIAO

praça de Afogados da Ingazeira, quando êle se negou terminantemente a permitir que um fotógrafo lhe tirasse um retrato com "flash". Êle estava no púlpito e quando o profissional se aproximou disse, em voz imperiosa:

— Não permito nem desejo fotografias!

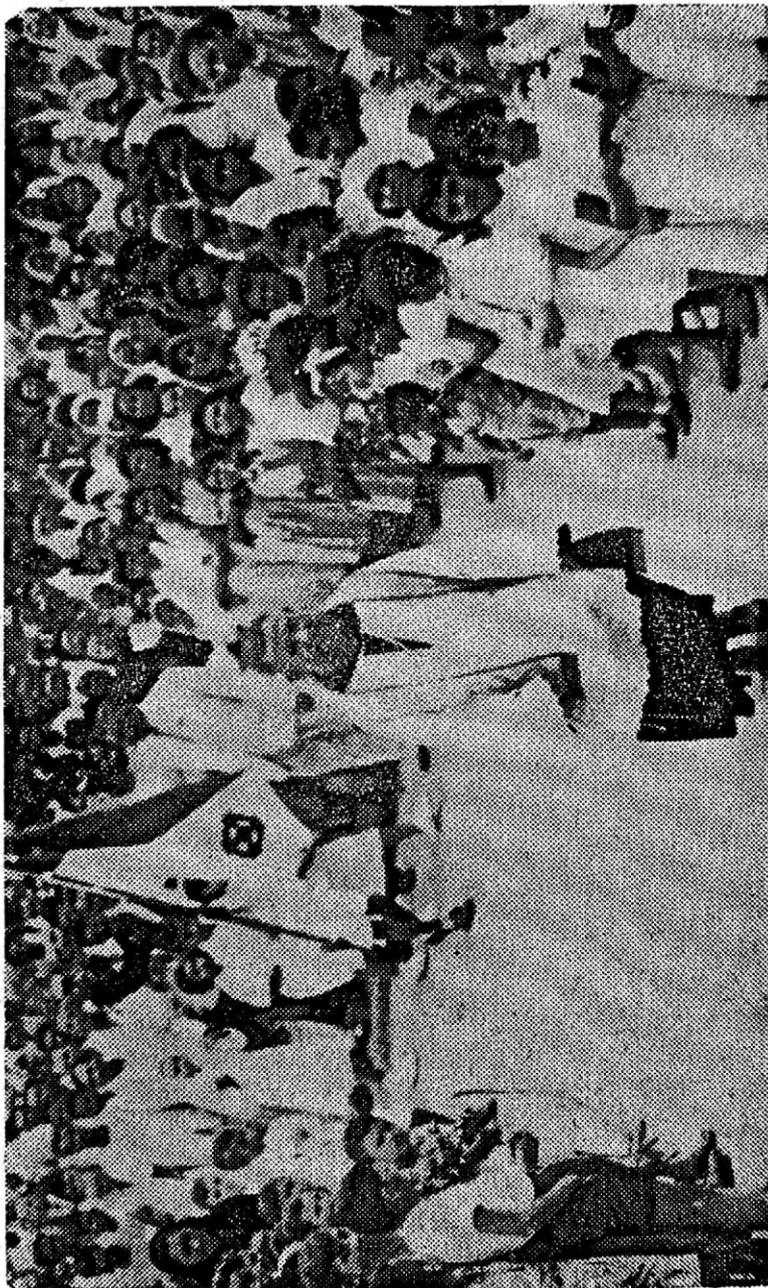
O moço estava a serviço das minhas reportagens sôbre o sertão. Não desanimei porém. E com trabalho e por minha exclusiva iniciativa consegui depois alguns instantâneos do missionário, contra a sua vontade, é claro.

Repito, pois, às autoridades eclesiásticas que Frei Damião, na sua reconhecida modéstia franciscana e com o seu espírito religioso não concorreu para essa publicação. Sou um homem do sertão, não gosto de meias tintas nem de nuances. A verdade, acima de tudo. E como tenho consciência, não desejo que surjam certos juízos apressados sôbre essas páginas. Sou católico, pertenço a uma família católica, passei a meninice internado num Colégio de Salesianos, tenho um irmão padre e uma irmã que é madre, da Ordem das Dorotéias.

E é em nome dessa consciência que me animo a pedir perdão e desculpas a Frei Damião por publicar essas páginas, que, por certo, irão ferir a sua modéstia e, talvez lhe causar algum desgosto pela publicação, também, dos seus retratos. Mas eu acredito no perdão do bom missionário, cuja palavra há mais de vinte anos eu ouço, com respeito e admiração, desde os bancos do Seminário Menor de Pesqueira e hoje pelo sertão a fora.

Mesmo porque essas páginas foram escritas como um penhor da estima e da admiração de um jornalista matuto por FREI DAMIAO — o amigo e o guia espiritual da minha terra adusta e da minha gente sertaneja.

Eu não vou endeusar um frade capuchinho nem mistificar a figura de um missionário humilde que há anos percorre o sertão, de sandálias gastas envergando a estamenha parda dos filhos de São Francisco.



**Quando Frel. Damião chega às portas das igrejas, milhares de pessoas o esperam para ouvir a sua palavra.**

## FREI DAMIÃO

Nem vou fazer literatura sensacionalista em torno dêsse tão discutido FREI DAMIÃO — o amado do povo sertanejo — um frade pequenino, de físico acanhado, a cabeça e a barba encanescidas pela trabalhadeira áspera e a voz sempre enrouquecida pelo esforço da pregação constante, cujo prestígio no meio do povo é tão grande que o transforma na maior força moral da “hinterlândia”. Como repórter limitei-me a observar o missionário e o efeito poderoso da sua presença no meio da massa, todo entregue à vida apostólica cheia de sacrifícios e de virtudes.

Doutrinando o povo com o exemplo da existência de asceta e à força das pregações que calam profundamente na alma sertaneja como um bálsamo e um lenitivo no meio das asperezas do sertão, açoitado pelas sêcas e abandonado pela incúria dos homens do poder.

Quando FREI DAMIÃO aparece nos adros das igrejas e das capelinhas modestas a sua palavra fustiga como um látigo os crimes e os pecados. Aquela voz sempre mansa e de onde parece escorrer “o leite da ternura humana”, nessa ocasião adquire tonalidades fortes e abala como uma descarga elétrica, a alma da assistência. Então, na força da sua plenitude explode o sentimento religioso que está adormecido na alma jagunça da matutada. Por isso a força moral que o frade detém, aliada a essa reserva de misticismo inato ao sertanejo fazem de Frei Damião o maior guia da gente dos sertões, um chefe que realmente bota no chinelo aqueles que se jactam de serem os “donos do sertão”, somente porque são os “maiorais” das eleições de cabresto.

E' um espetáculo empolgante a chegada de Frei Damião aos povoados e às cidadezinhas matutas para pregar a “santa missão”. As vilas tomam outro aspecto. Velhos, mulheres e crianças vêm dos sítios e das fazendolas e entopem os caminhos, a pé, a cavalo, a caminhão.

A multidão sequiosa da palavra do frade se esparrama pela praça da igreja. Os benditos e os hi-



**Frei Damião exclama: Viva Nosso Senhor!  
E o povo vibra.**



**A voz de Frei Damião é amplada pela difusôra.**

## FREI DAMIÃO

nos sobem para o céu. O foguetório espouca, ensurdecedor. As zabumbas gemem lamurientas. E a figura de Frei Damião, modesta e coberta do pó das estradas se projeta naquele cenário estranho onde desfilam nos dedos os rosários azuis da Virgem, as vozes se levantam cantando benditos e os lábios murmuram com fé, as preces ardentes. Então, poderoso e forte, um brado estruge: — VIVA FREI DAMIÃO!

E a multidão vibra e exulta e milhares de vozes aclamam o frade que abençoa o povo, enquanto as mãos agitam bandeiras, e ramos, e terços, e estampas, e imagens.

Depois Frei Damião traça vagorosamente o sinal da cruz. Um silêncio de chumbo desce sobre a praça, onde se posta a multidão estarecida. Então a voz do missionário, aumentada pelo microfone, rola por sobre o povo contrito e ajoelhado no chão duro e pedregoso. Vai começar a “santa missão”.

Amigos, foi assim que eu vi Frei Damião percorrendo os caminhos do sertão e pregando ao povo em Custódia, em Manissobal, em Iguarací, em Bom-Nome, em Irajá, em Tabira, em Afogados da Ingazeira, em Serra Talhada, em Boa Vista, em Carnaíba de Flores, nas cidadezinhas, nas vilas e nos povoados humildes. Ainda com o escuro da madrugada o frade agita uma campainha e andando pelas ruas acorda o povo, cantando uns versos que a multidão repete:

“Vinde pais e vinde mães  
Vinde todos à missão  
Para cuidar, como cristão  
De alcançar a salvação.”

O povo desperta e ninguém fica sob os cobertores mesmo que chova ou o frio corte as carnes. E a multidão, ao clarão das tochas e das velas, agrupada em torno do frade, percorre as ruas, cantando e rezando. Antes do sol nascer começa o dia de Frei Damião. Vai dizer missa, pregar, confessar, crismar, trabalhar até alta noite, para dormir poucas horas



**A multidão de fiéis enche as ruas, na "Santa-Missão".**



**Frei Damião abençoa as crianças.**

## FREI DAMIÃO

e novamente se atirar aos trabalhos, com o entusiasmo renovado tôda manhã. É assim a vida de FREI DAMIÃO, o Promotor de Deus.



Naquele dia de novembro de 1898, no lar de FELIX JANNOTTI e de MARIA JANNOTTI, nasceu o menino DAMIÃO. Era em BOLZZANO, uma risonha vila da bela província de LUCCA, no doce país da ITÁLIA.

Nascia assim o segundo e último filho daquele casal de agricultores que cultivavam com amor a vinha e os olivais.

Quando a notícia se espalhou os vizinhos vieram visitar o garotinho que choramingava nos braços da "mamãe JANNOTTI".

Os tempos passaram. E na quietude bucólica da vila, sob o belo céu de LUCCA, ouvindo o rumorejar dos ventos nos olivais, DAMIÃO cresceu sentindo a alma impregnada daquela paz e daquela quietude. A paisagem tranquila com árvores e céus, haveria de marcar profundamente o seu coração. Logo cedo resolveu estudar para padre. Não sentiu, como os pais, o chamamento da terra. Não queria ser agricultor, lidar com o campo, com a vinha e com as oliveiras, que a sua messe seria outra: a das almas e dos corações.

Assim, aos doze anos de idade ingressou na ESCOLA SERÁFICA DE CAMIGLIANO. E estava naquele recolhimento, todo entregue e devotado aos estudos quando de repente, os canhões começaram a troar. Era a carnificina da Grande Guerra que tivera início, semeando cruzes e ensanguentando os caminhos do mundo.

Recolhido ao seu quarto e cercado dos livros, mesmo assim, o serviço militar foi buscar e trazer para a trincheira o moço DAMIÃO que contava dezoove anos de idade. Depois, assinado o armistício, quando a matança terminou, êle ainda permaneceu

*LUIZ C. DOS SANTOS*

trinta e oito meses envergando a farda do exército italiano, acampado em ZARA, zona disputada pela YUGOSLÁVIA e por sua pátria a ITÁLIA. Na trincheira e nos quartéis DAMIÃO era o soldado mais desajeitado desse mundo. Porque êle não nasceu para matar o próximo, ensanguentar os lares, espalhar a viuvez e a orfandade. As suas mãos não foram feitas para premir o gatilho das armas. Escalar baioneta. Nem para deflagrar as bombas. Elas estavam destinadas a u'a missão mais nobre. Ao contrário da guerra, êle pregaria a doce mensagem de paz do Sermão da Montanha. Ao invés das palavras de ódio fraticida êle transmitiria a palavra do Cristo: "Amar-vos, uns aos outros". Por isso quando terminou o compromisso militar o desajeitado soldado DAMIÃO se desfêz da farda e prazenteiramente alijou de si o fuzil e a baioneta e voltou aos seus estudos religiosos. Da fase perigosa das trincheiras, quando rezava o rosário ao rugir dos canhões e o pipocar da fuzilaria êle trouxe uma herança incômoda. Ainda hoje quando ouve um estampido, ou, inadvertidamente, passa por um susto, um estremecimento, como uma descarga elétrica lhe abala. Foi a marca dolorosa da guerra. que lhe ficou, para sempre, no sistema nervoso.

Mas, tudo aquilo passou. Trincheiras, batalhas, assaltos, ficaram apenas na lembrança. DAMIÃO voltou ao Convento e, após os anos de estudo na UNIVERSIDADE GREGORIANA, ordenou-se sacerdote, na famosa igreja do LATRÃO.

Um dia foi rever a vilazinha onde nascera. Rezou missa na capelinha branca, entre os olivais de BOLZZANO. Havia lágrimas nos olhos dos velhos JANNOTTI. O garoto que dali saíra, voltava agora ministro de Deus. Os amigos da vila e os parentes vieram abraçá-lo. Havia porém uma ausência. Era a do seu único irmão, que, antes, havia falecido.

Tempos depois, no Convento, disseram que iam mandá-lo para o Brasil. Que seria enviado para um convento da sua Ordem, na grande e generosa pátria brasileira, sôbre a qual constantemente ouvia falar,



**Frei Danião celebrando a Santa Missa**



**Frel Danião crismando**

LUIZ C. DOS SANTOS

como uma nação rica e imensa, nascida a sombra da cruz, que a todos acolhia no seio largo e fecundo e onde já se encontravam vários amigos da infância, entre os quais os Morganti que seriam mais tarde, capitães da indústria paulista. Até que um dia a notícia se confirmou.

E, em 1931, a bordo do paquete "CONTE ROSSO", FREI DAMIÃO DE BOLZZANO, dava adeus ao chão natal e embarcava para o Brasil.

Naquela manhã faiscante de maio o navio italiano "CONTE ROSSO" amanheceu nas águas azuis da baía de GUANABARA.

E no meio dos passageiros que desciam a escadaria do paquete, maravilhados com o espetáculo luminoso da manhã brasileira estava um jovem frade capuchinho, de físico minguado, a barba derramada na estamemha parda, olhando com fervor para o CRISTO que, do alto do CORCOVADO abençoava o Brasil. Era FREI DAMIÃO que vinha missionar na sua nova pátria.

E mal chegara ao Convento da sua Ordem, no Rio de Janeiro, os superiores lhe transmitem a ordem de seguir para PERNAMBUCO. Sem perda de tempo Frei Damião tomou um navio e, dias depois o "ALMIRANTE JACEGUAI" fazia desembarcar na terra pernambucana aquêle frade que tantos serviços religiosos haveria de realizar nas "missões" pelo sertão bravio do Nordeste. Foi para o Convento dos Capuchinhos, na Praça da Penha, onde, num belo túmulo de mármore erguido na suntuosa igreja, descansam os restos mortais de DOM VITAL, um grande capuchinho pernambucano que foi bispo e santo e numa batalha que lhe custou a vida sacudiu a consciência cristã do Brasil, tirou-a do sono, curtiu cadeia e perseguições, mas deixou escrito o mais belo capítulo da história religiosa no Brasil.

Então o novo frade começou a viajar para o interior. Foi a GRAVATA, pregar a primeira "missão". Depois a Pesqueira. Em seguida para outros lugares distantes. E foi surgindo assim, aos olhos da gente

## FREI DAMIÃO

simplicidade do sertão a figura do missionário aureolada pela simpatia do povo.

Frei Damião haveria de percorrer, nas suas pregações, os sertões de vários Estados — do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Parahyba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe, da Bahia. Uma por uma, haveria de visitar centenas de vilas, povoados e cidades. E para melhor vencer as distâncias e o fator tempo, munuiu-se de uma caminhonete onde traz uma difusora para ajudar nos sermões e o material do seu serviço apostólico.

Vara os sertões realizando um serviço religioso que causa espanto e admiração do seu físico acanhado. Porque a capacidade de trabalho desse missionário é de espantar. Costuma dormir depois da meia noite confessando e aconselhando a todos que o procuram, e ainda com o escuro da madrugada já está pelas ruas convocando o povo para as “missões”. Alimenta-se frugalmente de verduras, pão e pouca quantidade de carne. A sua sobriedade é conhecida. Quando chega a notícia que FREI DAMIÃO vai chegar para pregar uma “missão” o povo se alvoroça. É nessas condições que se pode aquilatar o prestígio que ele desfruta no meio da massa. Todo mundo vem dos sítios, das fazendas, das vilas, dos povoados, para ouvir a palavra do frade, nas suas pregações que já se tornaram famosas.

Durante cinco a seis dias o lugar toma outro aspecto. Dizia-me um delegado do sertão que por coincidência estivera à frente de delegacias em três cidades, nas quais sucessivamente passara FREI DAMIÃO, que após a passagem do frade, demoravam bastante a aparecer casos que merecessem a intervenção das autoridades, brigas, bebedeiras, “fuxicadas”, arengas, barulho por causa de linha de terra e de cacimbas, etc. Aquela observação do delegado me aguçara a curiosidade. Depois perquirindo de outros ouvi a confirmação do fato. Por onde FREI DAMIÃO passa há mais docilidade e quietude. Um vigário do Pajeú dissera-me que não se podiam negar os resultados das “missões”: aumentava a frequência



**Muitos vêm de longe para ouvir os conselhos de Frei Damião**

## FREI DAMIÃO

aos atos da igreja e a vida religiosa se tornava mais intensiva. Com os seus conselhos e admoestações, com o exemplo da sua vida afanosa FREI DAMIÃO conquistou um lugar definitivo na alma da gente dos sertões. Ele é o conselheiro e o amigo. Há quem veja nisso a imensa vocação do sertanejo para o fanatismo. Mas, admiração e respeito não são fanatismo. Muitos o combatem, principalmente os inimigos da igreja católica. Milhares porém o admiram e o amam. Um velho na Carnaíba das Flores me dizia:

— Por causa das palavras de FREI DAMIÃO, vou deixar a má vida! Já tava com metade do corpo pendendo para o fogo do inferno.

E acrescentou com os olhos brilhando:

— Agora vou tratar de ganhar o ceo!

Dizem as vêzes injustiças e inverdades com o frade. Que êle, por exemplo, prega contra o casamento civil. E isso não é um fato. O que FREI DAMIÃO deseja é que o povo case no civil e no religioso, isso para evitar que certos “barbas-azuis”, depois de casarem com u’a moça eclesiásticamente a deixem e contraíam núpcias com outra no civil. Ora isso tem realmente acontecido. E o conselho do frade é o mais justo possível embora depois a matutada espalhe que o “contrato civil” é obra do “capa-verde”...

\*  
\* \* \*

Certa vez vi FREI DAMIÃO pregando a “santa missão” em Custódia, tranquila cidadezinha do interior pernambucano. Voltava de BETANIA e notei desusado movimento nos caminhos onde as cruzes em quantidade, assinalam as mortes e as emboscadas.

Depois de SÍTIO DOS NUNES, inquiri de um dos viandantes apressados qual o motivo da “romaria”. E êle me respondeu com a face cheia de santa indignação, por minha ignorância.

— Pois o senhor não sabe? FREI DAMIÃO vem aí, descendo de Manissobal.

E sem mais atenção, fustigou a burra cardã e aba-

LUIZ C. DOS SANTOS

lou pela estrada. Pisei no acelerador e entrei em Custódia, onde a multidão se esparramava, galgando os degraus da Matriz, enchendo as ruas, derramada na praça embandeirada. Foi quando FREI DAMIÃO chegou. O progresso havia modificado o profeta. Porque o frade austero já não percorre os caminhos, batendo as estradas com as sandálias humildes, a poeira braba lhe acinzentando a estamemha parda, pousando nas barbas grisalhas, como os profetas que outrora palmilharam os caminhos do mundo!

FREI DAMIÃO saltou de um "jeep" ultra moderno. Ao lado, o "chauffeur", um frade moço, risonho e corado, de barbas côr de mel, a voz de tenor lírico, lembrando um jovem capitão dos Césares que houvesse abandonado a Via Appia e andasse desgarrado naqueles mundos. Na parte traseira da viatura, fios, arames, transmissores, ferramenta, alto-falantes, pick-up, todo o arsenal necessário à retransmissão e ampliação da voz temível do frade, nas pregações que abalam o sertão. Colocaram uma tribuna na calçada da Matriz. O frade moço, mecânico e "chauffeur" ligou os fios, preparou a engrenagem e a voz de FREI DAMIÃO rolou sôbre a multidão estarecida. A princípio o taumaturgo descreveu as delícias do céu, os querubins tocando harpa e uma nuvem de incenso vagando no azul, entre anjos e santos. A multidão ouvia em silêncio, maravilhada e boquiaberta. Então, de repente, o frade mudou. Sacudiu os braços e soltou a maldição tremenda:

— Homens sem Deus, mergulhados na lama do pecado. Amancebados! Mentirosos! Adúlteros! Arrependei-vos dos vossos pecados.

E passou a descrever as torturas do inferno. Labaredas subiam, tochas ardendo, um relógio marcando: "Sempre! Sempre! Nunca! Nunca!", que são as horas da Eternidade. E ao meio da fornalha, o suplício tremendo do fumaceiro de enxôfre sufocando tudo. Aí a multidão se abateu, lábios ciciavam "EU PECADOR ME CONFESSO A DEUS", almas tremendo de pavor como corpos sacudidos de maleita.



**Dia de Missão em Afogados da Ingazeira**

LUIZ C. DOS SANTOS

Junto a mim um matuto do QUITIMBÚ tinha os olhos esgazeados.

Ceguei mesmo a ver o suor lhe empastando a fonte morena. Uma velha traçou o chale com fôrça, cobrindo tôda a cabeça, temendo a baforada de sata-naz. E ao meu lado um soldado desatou o lenço que trazia ao pescoço como se a coisa lhe abafasse a respiração. E voltando-se para um companheiro avisou que ia tomar uma "bicada", pois o cheiro do enxôfre estava lhe sufocando a garganta. Depois FREI DAMIÃO baixou os braços e serenou a voz. Nunca na minha vida vi silêncio maior.

A praça parada, o povo de lábios chumbados, os olhos fitos no frade.

Só o vento inocente agitava de leve as bandeirinhas que drapejavam acima das cabeças e livres do fogo do inferno. Então o frade rezou.

E a multidão respondeu contrita e imóvel, como se ao invés de milhares de bocas, ali estivesse apenas uma pessoa prostrada diante do pregador famoso, na hora aguda do Juízo Final, prestando conta ao Altíssimo. Aquilo não era CUSTÓDIA. Era o vale de JOSAFÁ.



Quando FREI DAMIÃO chega às vilas e as cidadezinhas matutas, na viatura que FREI FERNANDO dirige com perícia, o povo o espera de alma alvoroçada e coração ligeiro. A praça do lugarejo é pequena para comportar a multidão. Desde a véspera que o povareu se reuniu e passou a noite ao descampado, tomando café nas toldas, para espantar o sono, comendo pão doce e bolo de milho. Uns acendem cigarros de "arapiraca". Outros puxam fumaça do cachimbo. Frio da madrugada, cansaço da caminhada, fome e desconforto, tudo isso nada vale quando se vai ver e ouvir FREI DAMIÃO.

Uma velha dizia que quando o frade chega até parece "noite de festa". Outro, um velho fazendeiro do riacho da Onça contava:



A multidão se aproxima de Frei Damião e de Frei Fernando — seu esforço companheiro de missões.

LUIZ C. DOS SANTOS

— Passo um ano esperando para me confessar com FREI DAMIAO. Também não deixo nada escondido. Alimpo até os “gurguio”.

E explicou como fazia a confissão total. Ajoelhava-se no confissionário e dizia:

— FREI DAMIAO, não matei nem roubei. O resto pode perdoar.

Levando uma existência cheia de trabalhos e canceiras, alimentando-se sobriamente FREI DAMIAO tem uma fonte onde exaure fôrça e disposição. É a fé, a que remove montanhas. Eu o vi nos lares sertanejos abençoando as casas e entronisando o Coração de Jesus. Também o vi penetrar às cadeias para confessar os detentos. Chegava junto a grade e dizia mansamente:

— Meus filhos, porque não se confessam?

Imediatamente, tocados por aquelas palavras, um a um, os presos se ajoelhavam aos pés do frade. Depois a fé e a gratidão ficavam lampejando nos olhos daqueles homens, fora da lei.

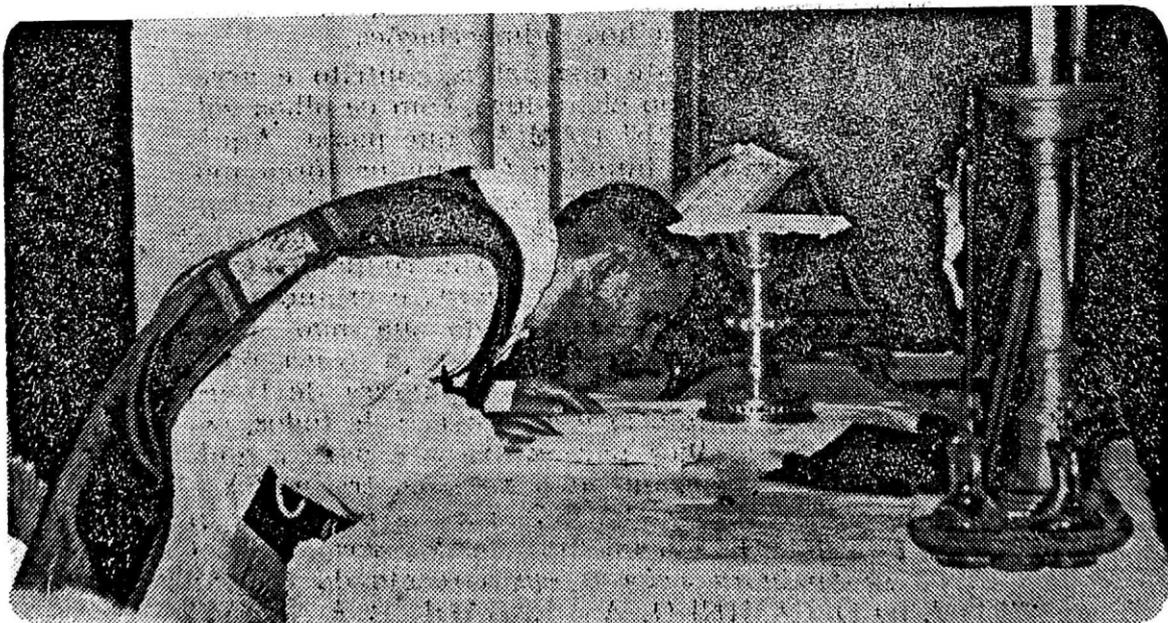
Assisti procissões, crismas, confissões, ouvi centenas de pregações, conselhos, admoestações.

E todo o sertão bate nos peitos, contrito e arrependido, e se ajoelha no chão duro, com os olhos voltados para o céu. É FREI DAMIAO que passa. Aquê-le frade empoeirado e humilde é a maior fôrça moral dos sertões. A sua palavra tem o poder de orientar, de esclarecer. E atrás da sua figura modesta, das suas sandálias ordinárias, da sua roupeta parda, tôda uma legião de homens, mulheres e crianças pode marchar a um simples aceno da sua mão. Para onde? Para as portas das igrejas, para a praça, onde êle explica o Evangelho e prega a palavra de Deus, numa linguagem simplória e ao alcance de todos, como verdadeiro pregador para a massa e para a multidão. Êle aponta aos que o ouvem, os tranquilos e suaves caminhos da Fé. Porque essa é a preocupação de FREI DAMIAO — o missionário dos sertões.

Na sua palavra ecôa o ensinamento do Cristo: “EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA!”



Frei Damião vai às cadeias confessar os detentos. E o arrependimento se estampa na face dos "fora-da-lei".



Frei Damião celebra a Santa Missa.

## OBRAS DO AUTOR:



*Hino ao Sertão* — Poesias,  
Tip. "Prima" - Editora.  
Recife - Pernambuco.

*Adolescência* — Poesias —  
1938. "Geração" -- Edit.  
Recife - Pernambuco

*Bilhetes do Sertão* — Cro-  
nicas sertanejas — 1950.  
Prefácio de A. Napoleão.  
Tip. "Prima" - Editora.  
Arcoverde - Pernambuco

*Caminhos do Pajeú* — Crônicas sertanejas — 1953  
Prefácio de José Lins do Rêgo — Capa de Ladjane — Editora "Nordeste". Recife - Pernambuco.

*Padre Cottart* — Um vigário do Pajeú — Biografia —  
1953 — Ed. do "Jornal do Commercio" — Recife  
— Pernambuco.

*Carlos de Brito (O Bandeirante da Goiaba)* — Ensaio  
biográfico — 1953 — Introito do Prof. José Eus-  
táquio da Silva — Ed. "Fôlha da Manha S/A" —  
Recife — Pernambuco.

### EM PREPARO:

*A Paisagem Humana do Pajeú* (Tentativa de inter-  
pretação de um rio sertanejo).